

Desconhecidas, que em alguns aspectos específicos procedem a uma espécie de confronto entre a realidade observada e aquela que lhe chegara através dos seus informadores e constava do texto de 1909.

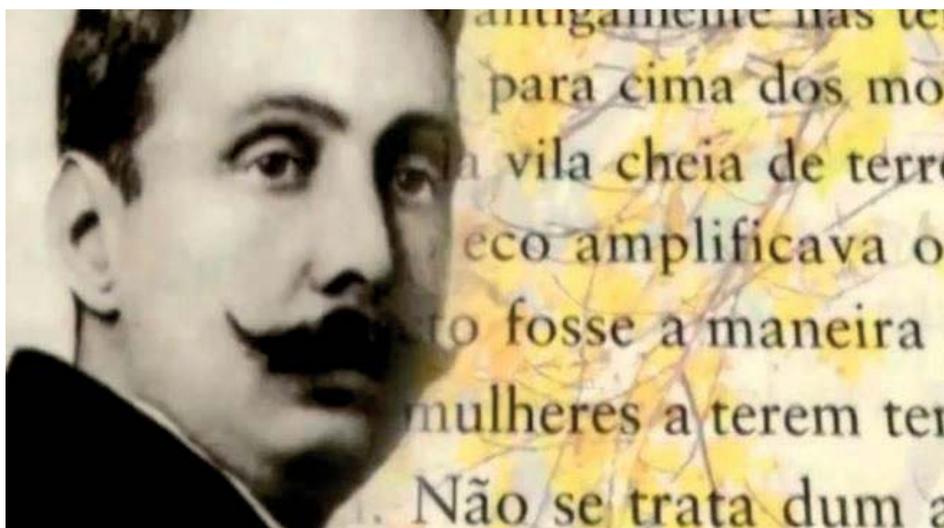
Trata-se, portanto, de uma viagem preparada de antemão (e basta ver alguma da informação indirecta constante do livro, não resultante da observação), com um destino primordial, e não admira que Brandão comece a sua descoberta dos Açores pelo Corvo, a primeira ilha onde se detém demoradamente. Isso não quer dizer que o percurso desde Lisboa, mesmo com os condicionamentos da paragem breve em cada porto, não constitua ele mesmo uma ocasião de conhecimento e aprendizagem, como se constata no capítulo inicial. Além disso, a aproximação às ilhas, feita de barco e de modo progressivo, proporciona um primeiro momento de revelação e de espanto, num processo em que ao presente imediato se sobrepõem, a nível do imaginário, dois outros momentos de um Tempo profundo: aquele em que a ilha, finalmente formada, repousa à superfície das águas no primeiro dia da sua existência e aquele outro em que ele emerge do mar, enigmática, perante os olhos do descobridor histórico. Isto ajudará a perceber a primeira visão que Brandão nos dá da paisagem de S. Jorge, captada naquilo que manifesta de gigantesco e esmagador; daí que os sentimentos do escritor se traduzam em pavor e pasmo, perante a visão de uma paisagem avassaladora e a consciência da insignificância do homem.

É, portanto, no Corvo que Brandão experimenta o grande choque do encontro com o outro, (neste caso, açoriano), é lá que começa a viagem demorada e paciente de Brandão aos Açores, a partir da mais pequena ilha do arquipélago, agora no movimento de Oeste para Leste que acompanha o regresso à casa continental europeia.

Tomando as coisas pelo seu lado simbólico, é no Corvo que este descobridor do século XX fixa finalmente o pé em terra para, depois de ter percorrido os mares, aproximar-se das gentes, tomar contacto com elas e defrontar-se com um mundo que lhe é estranho por muitas e diversas razões, uma estranheza que há-de tornar-se perplexidade e angústia também. Mais tarde, já depois do regresso a Lisboa, confessará, no entanto: «Dá-me vontade de chorar quando lembro o carinho e a ternura com que me trataram [no Corvo].»

O modo como Brandão progres-

“É no Corvo que Brandão experimenta o grande choque do encontro com o outro, (neste caso, açoriano), é lá que começa a viagem demorada e paciente de Brandão aos Açores, a partir da mais pequena ilha do arquipélago”



sivamente se aproxima do universo social do Corvo e nele se integra, nos seus ritos e formas de entender o mundo, acabando por descobrir, afinal, a natureza mais profunda e íntima do homem moldado pela solidão e pelo silêncio, pela força imparável do Tempo – são factores que permitem concluir que a aprendizagem humana dos Açores tinha de ser feita através de uma experiência-limite no laboratório complexo de uma ilha-limite: não apenas pela sua dimensão, 17 km² onde se comprimiam então 660 habitantes, mas também pela peculiar rede de relações inter-pessoais e organização social comunitária, e ainda pela própria língua portuguesa retida ali numa das suas modulações históricas, pelo isolamento e pela solidão («a pavorosa solidão atlântica»), por um modo de vida reduzida ao essencial. Isso faz de «O Corvo» um capítulo dramático, trágico mesmo, pelo permanente questionamento que possibilita a Brandão uma reflexão sobre a condição humana nas ilhas atlânticas e a revelação do homem insular nos seus dramas e abismos íntimos, sofrimento e sonhos – num primeiro momento, polarizado nos homens do Corvo e, posteriormente, alargado o painel às figuras do picoense (ou picaroto), do baleeiro em particular, e ao pastor de S. Jorge, talvez a mais trágica personagem do livro, pela não consciência do próprio aviltamento social e pessoal, e de cuja circunstância concreta Brandão abstrai para o transformar num símbolo da alienação moderna ou numa estátua a todas as vítimas do desprezo.

«Mas que distância as separa!...», escreve Raul Brandão, contrapondo à (relativa) proximidade geográfica as diferenças naturais e sociais entre o Corvo e as Flores.

Em termos humanos, o que ele encontra nesta última ilha é uma sociedade dividida nas suas camadas: o funcionalismo público, os senhores e a plebe. O escritor, que não entende os jogos de interesses, a mesquinhez próprias dos dois primeiros grupos, sentir-se-á próximo dos mais humildes, dos que esperam a festa do Espírito Santo para saciar a fome, dos que esperam por D. Sebastião com a mesma fé com que aguardam a chegada do reino dos céus.

A distância que, logo de imediato,

surpreende Brandão é de outro teor, no entanto. E diz respeito à configuração natural de cada uma das ilhas, «o Corvo espesso e nu, as Flores violeta e verde, com rochas violetas e os cimos dum pasto delicado.» Agora e de forma demorada, o escritor que também era pintor pode entregar-se à contemplação das cores açorianas e a um exercício de escrita que a cada passo se preocupa em representar de modo fidedigno a variedade cromática da paisagem, a sua gradação infinita – aspectos que têm constituído uma das linhas preferenciais da análise de As Ilhas Desconhecidas. Aliás, o título do capítulo sobre as Flores traduz essa preponderância do elemento natural, ao elidir o nome próprio da ilha em proveito de uma designação parcelar, «A floresta adormecida», que remete primeiramente para a extensão vegetal, para a cor, mas também para o silêncio e para um tempo suspenso que, no interior do capítulo, se estende até sobre a vida social e comunitária, como se a vila fosse povoada por mortos de há cinquenta anos e mesmo por personagens chegadas do século XIX.

A profusão das cores e, mais do que isso, os recursos utilizados para registar o imenso leque das suas tonalidades representam um processo para comunicar ao leitor a singularidade do observado, e este é também um propósito dos livros de viagens; apenas em três páginas contíguas de «A floresta adormecida» encontramos um elucidativo exemplo de alguns dos processos verbais de que Brandão se serve para dar conta das variedades do verde: verde tenro, verde claro, verde casto, verde-azul, verde-escuro, verde-macio, verde-negro. O objetivo, e o resultado também, dessa escrita é, como escreve Matteo Rei, «captar, como Monet nas suas múltiplas versões da Catedral de Rouen, a magia e a sugestão contida no espaço de um instante» (1), e, por aí, explicar o deslumbramento do escritor perante o panorama que lhe é dado contemplar: a representação da paisagem em Brandão não se fica apenas pela exterioridade física, em muitos momentos ela combina esta última com uma dimensão subjectiva, em que se projecta o modo de sentir do escritor. A paisagem das Sete Cidades surge-nos, assim, descrita em pinceladas breves como «um pouco de azul, um pouco de verde, ternura e idílio», já depois de termos lido sobre as

Flores: «o carácter desta paisagem é a serenidade com uma pontinha de tristeza.»

A força da paisagem é mesmo, noutros casos, suficiente para transportar o escritor para um plano de irrealdade e de fantasia, como se apenas estas fossem capazes de completar o sentido do mundo concreto, como se não houvesse maneira de representar a magia da paisagem senão pelas possibilidades infinitas que o sonho deixa em aberto. Visto do Pico, «S. Jorge é poeira e sonho», do mesmo modo que a luz e a cor transformam as Flores «numa ilha de sonho», e esta imaterialização do real torna-se ainda mais notória perante as Sete Cidades: «Na minha frente entreabre-se um abismo que nos atira para fora da vida, para regiões inesperadas de sonho» – num contexto em que o escritor tanto se pode entregar a um devaneio (a um cismar) pessoal como à imaginação dos cataclismos vulcânicos que geraram a paisagem que tem na sua frente.

Na entrevista concedida dois dias depois do seu regresso a Lisboa, Raul Brandão desabafou: «Os outros passaram por lá, mas... não viram os Açores». (Os outros são, obviamente, os intelectuais, técnicos e artistas portugueses que pela mesma altura visitaram o arquipélago a convite do jornal Correio dos Açores e do seu director José Bruno Carreiro, mas que permaneceram nas ilhas muito menos tempo, nalguas delas demorando-se apenas as duas ou três horas da escala do navio). Observação justa por parte de quem confessou que uma viagem como a dele só podia realizar-se com demora e paciência. Só estas, na verdade, permitiram esse olhar para dentro da alma de homens e mulheres a contarem com o seu destino insular atlântico e que As Ilhas Desconhecidas continuam a deixar à nossa frente como fantasmas que nos interpelam e conosco dialogam.

Urbano Bettencourt

* (texto original da minha Introdução à tradução inglesa de As Ilhas Desconhecidas; na foto, a capa da edição açoriana)

(1) Matteo Rei, «Fissare l'incanto: Raul Brandão e il diario di un viaggio atlantico», in La Spugna è la mia anima: Omaggio a Piero Cecucci. Firenze University Press, 2016, p. 229.